



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

30 de julho de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 121



TENSÕES NO INDO-PACÍFICO: AUSTRÁLIA E OS JOGOS DE GUERRA

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. A. DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UNESP)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARGILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILLO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

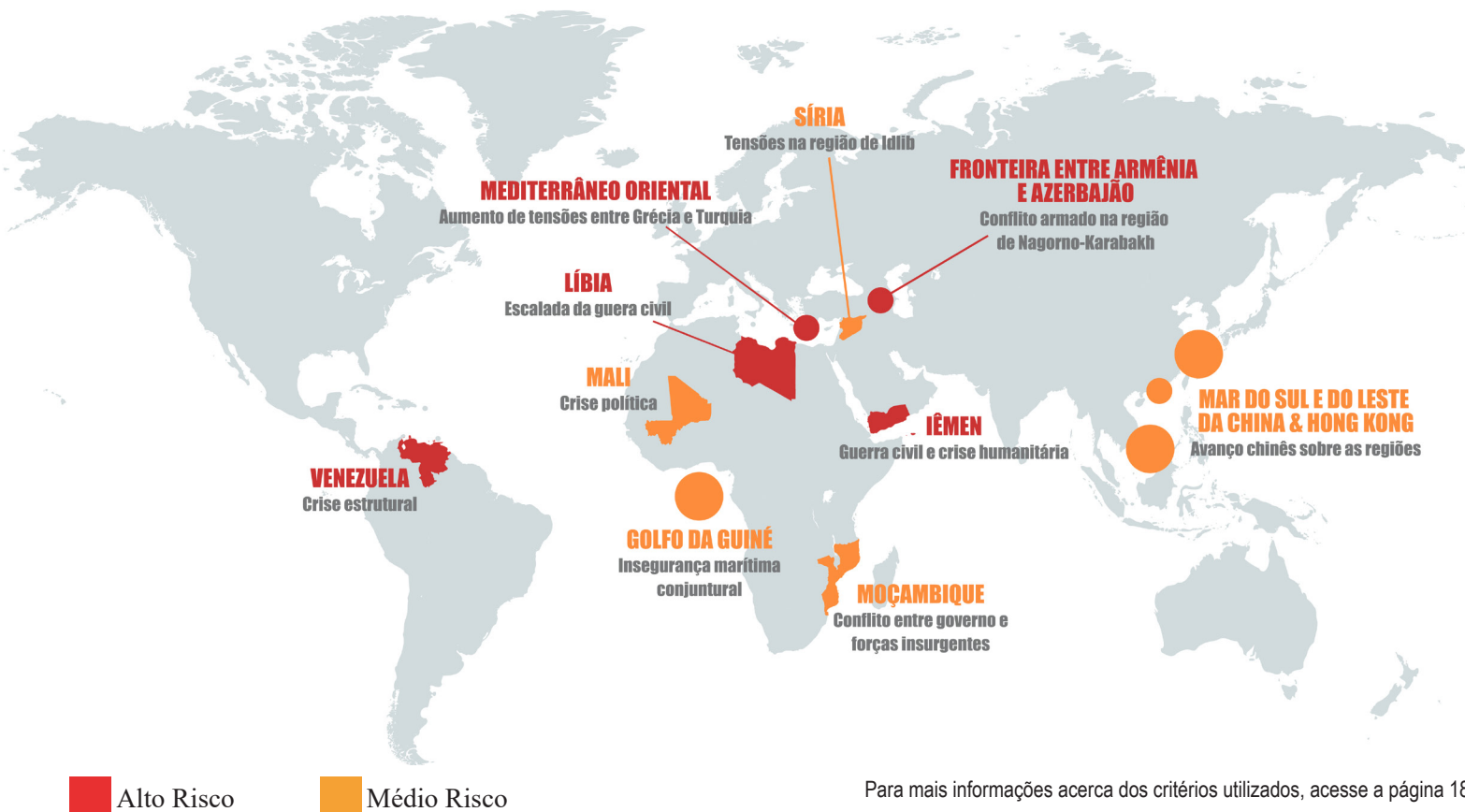
ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

<p>AMÉRICA DO SUL</p> <p>Novos riscos geopolíticos em função do recrudescimento da crise venezuelana.....5</p> <p>Pampa Azul da Argentina6</p> <p>AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL</p> <p>O Corredor Interoceânico Mexicano6</p> <p>ÁFRICA SUBSAARIANA</p> <p>O gasoduto Trans-Saariano e o futuro energético do continente africano7</p> <p>A crise no Mali e seu impacto no Golfo da Guiné.....8</p> <p>EUROPA</p> <p>A busca pelo protagonismo polonês.....9</p> <p>Grécia em alerta máximo com ações turcas no Mediterrâneo10</p> <p>A contínua remodelação das Forças Anfíbias britânicas11</p>	<p>ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA</p> <p>A Modernização das Forças Armadas egípcias 11</p> <p>RÚSSIA & Ex-URSS</p> <p>Cazaquistão e Ásia Central na rivalidade sino-russa 12</p> <p>SUL DA ÁSIA</p> <p>Múltiplos focos para a política externa indiana 13</p> <p>SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA</p> <p>Tensões no Indo-Pacífico: Austrália e os Jogos de Guerra..... 14</p> <p>Indonésia mantém sua posição no Mar do Sul da China 14</p> <p>ÁRTICO & ANTÁRTICA</p> <p>A nova estratégia da USAF e da Força Espacial para o Ártico: defesa, vigilância e projeção de poder..... 15</p> <p>Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... 16</p> <p>Calendário Geocorrente..... 16</p> <p>Referências..... 17</p> <p>Mapa de Riscos..... 18</p>
--	--

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Situation report – 191", da OMS, publicado no dia 29 de julho de 2020.



ACOMPANHAMENTO DOS PAÍSES						
#	País	Nº de casos registrados	Novos casos (últimas 24h)	Nº de óbitos registrados	Nº casos/100 mil habitantes	Nº mortes/100 mil habitantes
1º	ESTADOS UNIDOS	4.263.531	54.022	147.449	1.303,17	45,07
2º	BRASIL	2.442.375	23.284	87.618	1.165,98	41,83
3º	ÍNDIA	1.531.669	48.513	34.193	113,24	2,53
4º	RÚSSIA	828.990	5.475	13.673	573,70	9,46
5º	ÁFRICA DO SUL	459.761	7.231	7.257	795,72	12,56
6º	MÉXICO	395.489	4.973	44.022	483,48	53,82
7º	PERU	389.717	4.920	18.418	1.218,28	57,58
8º	CHILE	349.800	1.877	9.240	748,67	19,78
9º	REINO UNIDO	300.696	581	45.878	452,26	69,00
10º	IRÃ	296.273	2.667	16.147	362,19	19,74
72º	AUSTRÁLIA	15.304	369	167	61,24	0,67

Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

Novos riscos geopolíticos em função do recrudescimento da crise venezuelana

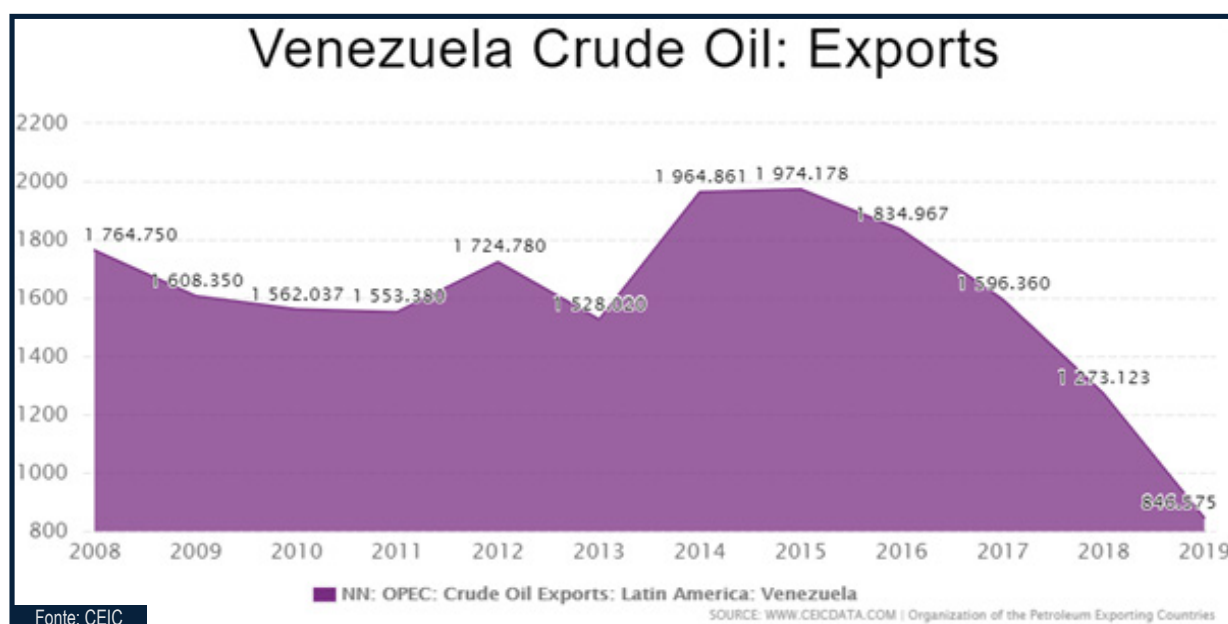
Adriana Escosteguy

Entre janeiro e junho de 2020, a Venezuela registrou queda de 52% da produção petrolífera. Em junho, a extração de 393 mil barris diários correspondeu ao menor volume da produção nacional em 77 anos. Sem capacidade para armazenar o excedente de petróleo bruto não exportado no período, em função do recrudescimento das sanções norte-americanas, a venezuelana PDVSA foi forçada a paralisar suas plataformas petrolíferas em julho. Ao crítico cenário somam-se ainda a queda de receitas formais e informais como as provenientes da mineração ([Boletim 85](#)), em razão da pandemia de COVID-19, e a decisão da Alta Corte de Justiça do Reino Unido que impede Nicolás Maduro de acessar US\$ 1,8 bilhão em ouro venezuelano, armazenado no Banco da Inglaterra.

Embora as sanções norte-americanas ao comércio venezuelano tenham logrado pressionar a indústria marítima global, diminuindo o apoio de aliados históricos como Rússia e China ([Boletim 114](#)), estas não afetaram a atividade portuária não-declarada na Venezuela, e impulsionaram a aproximação desta com o Irã ([Boletim 118](#)). Estima-se que outros 4 navios-tanque iranianos, transportando 1,1 milhão de barris, atracarão na Venezuela, ainda em julho, e a empresa pertencente às Forças Armadas iranianas, a *Etka Chain Stores Company*,

auxiliará no abastecimento alimentar venezuelano. Ademais, uma possível cooperação técnico-militar para reestruturação da infraestrutura energética venezuelana é negociada entre os dois países.

Sustentada pelo frágil equilíbrio que articula a militarização da administração político-econômica ([Boletim 116](#)) e a liberalização da economia ([Boletim 111](#)), a estratégia de sobrevivência política do governo Maduro, em 2020, reduziu tensões com elites socioeconômicas locais, aprofundou a dependência da população empobrecida em relação ao governo e vem dismantando sua oposição político-partidária. Entretanto, o “frágil equilíbrio” governista dá sinais de esgotamento. O aporte energético iraniano somente é possível por conta de excedentes *ad hoc* de sua produção, e não foi suficiente para conter apagões que impediram o funcionamento de hospitais em diferentes estados venezuelanos em julho. Ademais, o aumento em 9 vezes do número de casos de COVID-19 no país desde maio, somado ao retorno de 60.000 emigrados venezuelanos entre junho e julho, não somente ameaçam recrudescer a crise humanitária interna, como constituem cenário geopolítico regional de alto risco, sobretudo na fronteira colombo-venezuelana.



Pampa Azul da Argentina

Carlos Silva Júnior

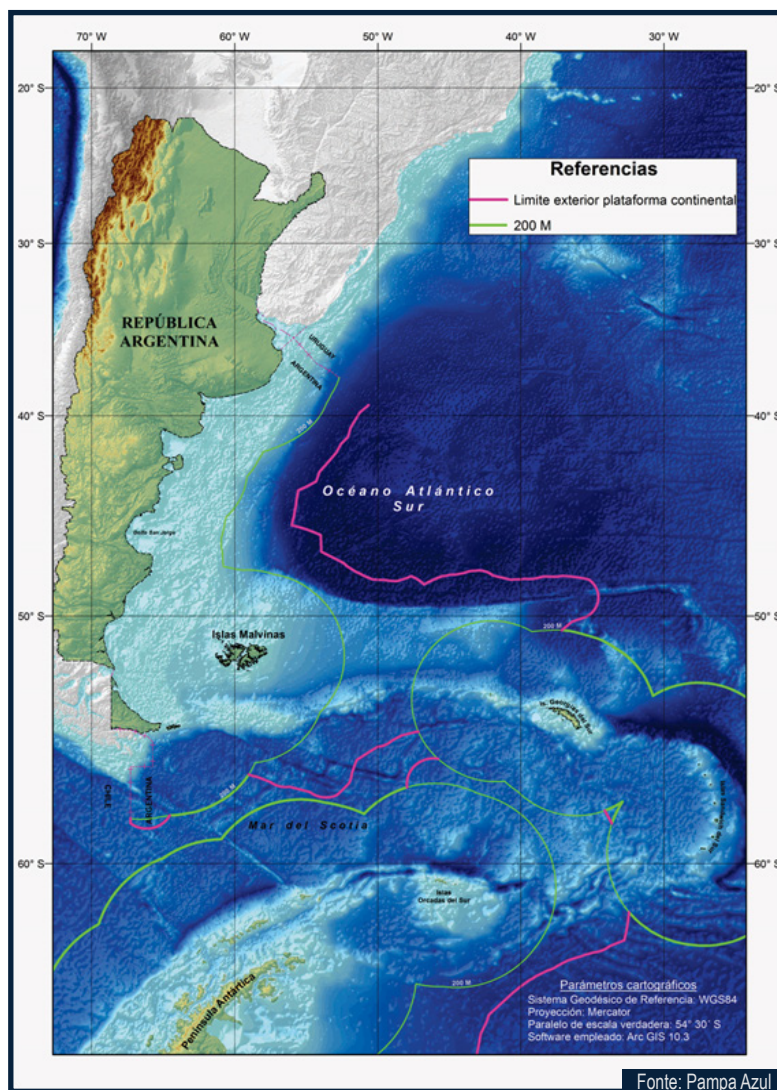
Em 06 de julho de 2020, foi reativada a iniciativa *Pampa Azul*, lançada no segundo mandato do governo Kirchner (2011-2015), mas paralisada durante o governo Macri (2015-2019). Com o intuito de promover a pesquisa científica e o desenvolvimento tecnológico, é sustentada por 19 marcos normativos, desde a Constituição Nacional a acordos internacionais, como a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar.

O marco legal é a Lei no. 27.167 de 2015, que institucionaliza a iniciativa *Pampa Azul* como *Programa Nacional de Investigación e Innovación Productiva en Espacios Marítimos Argentinos* (PROMAR), que trata da sua organização administrativa e estabelece os seus objetivos, destacando-se o fortalecimento da consciência marítima e da presença no Mar Argentino e no Atlântico Sul, o aprofundamento do conhecimento científico e de políticas de conservação e o uso dos recursos naturais, bem como o fomento ao desenvolvimento tecnológico na pesquisa do mar, incluindo a segurança marítima e a defesa nacional. Além disso, estabelece um fundo mínimo de 250 milhões de pesos argentinos, valor estipulado à época da criação. De acordo com a conversão feita pelo Banco Mundial, o fundo, que valia pouco mais de US\$ 27 milhões, atualmente vale cerca de US\$ 3,4 milhões.

Uma semana após o relançamento da *Pampa Azul*, as FFAA britânicas realizaram um exercício conjunto próximo às Ilhas Malvinas, em uma ilha remota e particular, a 130 milhas da capital Stanley. O exercício provocou reclamações de políticos argentinos, que condenaram o desrespeito à soberania argentina na região e às recomendações das Nações Unidas.

Quase como uma reação ao exercício britânico, o Senado argentino aprovou, por unanimidade, a criação do *Consejo Nacional de Asuntos Relativos a las Islas Malvinas, Georgias del Sur, Sandwich del Sur y los Espacios Marítimos e Insulares Correspondientes*, assim como a demarcação do limite externo da Plataforma Continental argentina, projetos anunciados pelo

presidente Alberto Fernández em março ([Boletim 113](#)). Ambos ainda voltarão à Câmara de Deputados para revisão. Portanto, percebe-se um retorno da importância da vocação marítima do país para o desenvolvimento nacional e sua posição internacional, todavia, os desafios econômicos, que já eram grandes antes da pandemia, precisarão ser enfrentados para solidificação desses anseios.



AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

O Corredor Interoceânico Mexicano

Victor Cabral

No final de junho de 2020, 15 membros da comunidade indígena Ikoos foram torturados, assassinados e carbonizados na cidade de San Marteo del Mar, em Oaxaca, sudeste mexicano. Suspeita-se que os crimes teriam sido praticados pelo *Cartel Jalisco Nueva Generación*, que estaria terceirizando seus serviços

de violência contra aos que se opõem à construção do Corredor Interoceânico do Istmo de Tehuantepec. O Corredor é um dos megaprojetos de desenvolvimento nacional do presidente López Obrador, consistindo na criação de uma ferrovia estatal e autopistas privadas entre o porto de Salina Cruz (Oaxaca, litoral Pacífico) »

e Coatzacoalcos (Veracruz, litoral Atlântico), ligando os dois oceanos e reduzindo o tempo de travessia de cargas, competindo diretamente com o Canal do Panamá.

As comunidades locais e originárias opõem-se ao projeto pela destruição de seus meios de subsistência, de seus modos de vida e pela desapropriação de terras. Anteriormente, algumas haviam sido contrárias à criação de parques eólicos na região, também culminando em assassinatos e incêndios de residências. Críticos afirmam que a construção destruirá importantes sítios arqueológicos maias, imporá militarização da região pela Guarda Nacional para garantir a aceitação popular ao projeto e evitar que investimentos públicos e privados sejam destruídos pelos resistentes. A preocupação com a segurança do projeto já levou a mobilização de mais de 4.300 soldados para as proximidades da cidade. Paralelamente, a construção percorrerá importantes

reservas minerais presentes nas terras e possui localização estratégica, com pouco mais de 300 km de distância entre os oceanos, e levará à expansão e à construção de portos e refinarias no Golfo do México. Obrador projeta a criação de milhões de empregos ao longo do Corredor, beneficiando inclusive migrantes centro-americanos, principalmente com a construção de novas indústrias, incluindo as automobilísticas.

Ademais do apoio empresarial, existem dúvidas sobre a viabilidade financeira do projeto orçado em mais de US\$ 18 bilhões, tendo em vista a grave crise econômica gerada pela pandemia da COVID-19. Obrador pretende finalizar a construção do Corredor até 2023 e criar uma estrutura legal para impedir posterior privatização, bem como incentivar a expansão de oleodutos e gasodutos para abastecer o mercado estadunidense, o principal parceiro comercial do México.



ÁFRICA SUBSAARIANA

O gasoduto Trans-Saariano e o futuro energético do continente africano

Isadora Jacques

Em 13 de julho de 2020, após 15 anos de atraso, deu-se início, na Nigéria, a obra de um gasoduto, com 4.300 km, que ligará o país à Europa, passando pelo Níger e Argélia. O intuito do projeto é ambicioso: diversificar o abastecimento de gás nigeriano na Europa,

além de investir na geração de eletricidade a base de gás natural para as indústrias de aço da África Subsaariana. A construção, estimada em US\$ 3 bilhões, possuirá a capacidade de transportar até 30 bilhões de metros cúbicos de gás por ano.

Em função de sua grandiosidade, o projeto atraiu o interesse de multinacionais do setor energético, a francesa *Total*, a anglo-holandesa *Royal Dutch Shell* e, principalmente, a estatal russa *Gazprom*, que se destacaram como investidoras pioneiras, juntamente a Corporação Nacional de Petróleo da Nigéria (NNPC, em inglês) e à *Sonatrach*, companhias estatais de petróleo e gás nigeriana e argelina, respectivamente. A perspectiva de perder o monopólio do fornecimento de gás à Europa motivou a Rússia a realizar um acordo separado, estimado em US\$ 2,5 bilhões, entre a *Gazprom* e a NNPC, com o objetivo de construir novas refinarias, oleodutos e usinas no país e garantir aos russos vantagem nas negociações e investimentos na região.

A Nigéria possui a maior reserva de gás natural do continente e a sétima maior do mundo, 180 trilhões de pés cúbicos, que pode gerar desenvolvimento econômico, energético e industrial, além de prover um combustível seguro para uma transição energética mais ecológica no país. Demais Estados africanos como Moçambique, Gana e Senegal também possuem significativos estoques em seus respectivos territórios e evidencia-se a necessidade de sustentarem sua demanda de energia no futuro, devido à urbanização tardia africana. A construção do gasoduto confere certa notoriedade ao desenvolvimento energético da região, já que a Rússia, líder no transporte de gás à Europa, perde parte da exclusividade no processo. A

exploração desse tipo de combustível se torna um passo essencial para que a África conquiste sua independência energética e autonomia para explorar suas reservas naturais em função de seu próprio desenvolvimento.



A crise no Mali e seu impacto no Golfo da Guiné

Em 23 de julho de 2020, finalizou-se um encontro entre os presidentes da Costa do Marfim, Gana, Senegal, Níger e Nigéria, no Mali, sem alcançar uma mediação efetiva à crise política vigente. Violentos protestos, liderados pela coalizão M5-RFP, contra o presidente do Mali, Ibrahim Boubacar Keita, exigem sua renúncia devido, entre outros motivos, à incapacidade no combate a grupos extremistas. Mesmo os anteriores esforços da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), ao sugerir um governo que agregue a oposição, foram insuficientes àqueles contrários à permanência de Keita. A possibilidade de uma ruptura institucional, tal como em 2012 (Boletim 26 e 69), prejudicaria não apenas a imagem da CEDEAO, mas também as operações militares de Estados estrangeiros no país. Tal situação política, portanto, acompanha a frágil segurança regional.

O leque de financiamento e de logística dos grupos extremistas tem se diversificado, como a mineração ilegal e o contrabando de insumos pelas fronteiras do Benin, Costa do Marfim, Gana e Togo. Ainda, com o declínio

João Victor Marques Cardoso

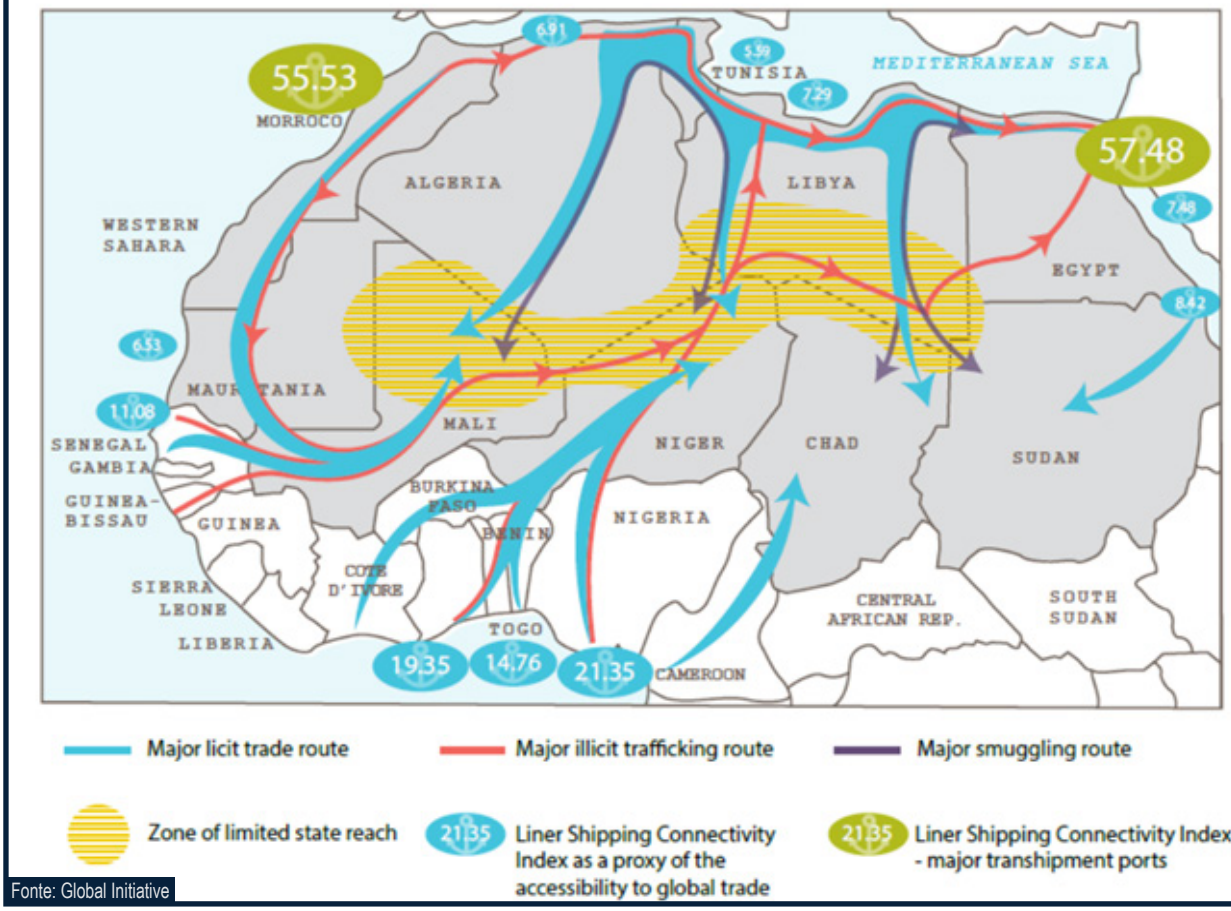
do fluxo de armas oriundas da Líbia, já que esta ampliou a própria demanda com o conflito doméstico, saques em postos militares na tríplice fronteira (Níger, Mali e Burkina Faso) e o tráfico por países costeiros do Golfo da Guiné têm apresentado maior frequência. A preocupação com o transbordamento do extremismo à costa repercutiu na criação da Iniciativa Accra (2017), um mecanismo colaborativo de inteligência, treinamento e operações de fronteira, no qual a inserção do Mali como observador, em 2019, reflete a preocupação com a segurança.

A crescente atenção ao Golfo da Guiné, enquanto porta de entrada de armas de fogo aos conflitos no Sahel, pode impactar as decisões estratégicas de países extracontinentais como a França. Isso não significa reduzir o foco à Operação Barkhane, que concentra mais de cinco mil militares franceses no Mali, Níger e Chade, sob uma forte narrativa antijihadismo. Contudo, é esperada maior militarização do Golfo, como o envio, em junho, do navio porta-helicópteros de assalto anfíbio classe *Mistral LHD Tonnerre* à Missão Corymbe, que auxilia a arquitetura de segurança marítima do Processo >>>

de Yaoundé (2013), e as recentes investidas da Itália, que, já tendo aprovado apoio à força-tarefa antiterrorismo

no Mali, prevê lançar uma missão naval contra crimes marítimos, apoiando-se na já existente missão francesa.

Figure 2. Trafficking and trade across the Sahara



EUROPA

A busca pelo protagonismo polonês

José Gabriel Melo

No dia 1º de julho, a Polônia assumiu a presidência rotativa do Grupo de Visegrado (V4), que também conta com a presença de República Tcheca, Hungria e Eslováquia, e tem por finalidade a promoção da cooperação entre esses países e de seus interesses no bloco europeu. A agenda para esse mandato será a coordenação dos esforços para lidar com os problemas relacionados à COVID-19 e a volta da normalidade no pós-pandemia. As prioridades de Varsóvia para o próximo ano serão o aprofundamento da cooperação econômica, tecnológica, em projetos de infraestrutura, com destaque para o setor de segurança e defesa.

Há alguns anos a Polônia tem buscado um posicionamento de destaque no antagonismo à Rússia no leste europeu. Da perspectiva polonesa, a Rússia ainda

se trata da ameaça mais significativa para a soberania da “Terceira República”, desconfiança que possui raízes históricas, já que o país passou a maior parte dos últimos dois séculos sob o domínio de alguma potência estrangeira. No início de julho, Varsóvia deu mais um passo em sua busca pelo protagonismo dentro da OTAN, após o anúncio do presidente, Andrzej Duda, acerca da predisposição polonesa para abrigar parte das 9.500 tropas estadunidenses que serão realocadas da Alemanha. A Polônia é um dos seis países que preenchem o requisito acordado, em 2006, pelos ministros da Defesa da OTAN, que direciona, ao menos, 2% do PIB para Defesa. Ademais, está investindo cerca de US\$ 50 bilhões no Plano Técnico de Modernização de suas Forças Armadas até 2026, programa que visa substituir equipamentos »

obsoletos do período soviético pela aquisição de drones, aviação de caça de quinta geração, defesa cibernética e meios navais mais modernos provenientes do Ocidente. Duda, que foi reeleito no dia 12 de julho com 51,2% dos votos, assume com uma agenda que dialoga com os interesses políticos no âmbito externo.

Nesse contexto de busca por uma posição de protagonismo na OTAN e liderança com o V4, três

questionamentos podem ser levantados: o quanto essa transferência pode afetar a relação de Varsóvia com Berlim, que preside o Conselho da União Europeia, e é seu principal parceiro econômico; o quão preparado o país está para arcar com os custos do recebimento das tropas estadunidenses diante dos desafios correntes; e, quais reflexos esses movimentos podem gerar nas relações com a Rússia.

Grécia em alerta máximo com ações turcas no Mediterrâneo

Melissa Rossi e Dominique Marques

No último dia 21, a Marinha grega entrou em alerta máximo após a Turquia emitir um aviso Navtex afirmando que enviaria o navio de perfuração *Oruç Reis*, protegido pela Marinha turca, para atuar em uma área do Mediterrâneo contestada pela Grécia. Tensões vêm aumentando entre a Turquia e países vizinhos, como a Grécia e a República do Chipre, desde a recente descoberta de campos de gás natural no Mediterrâneo Oriental.

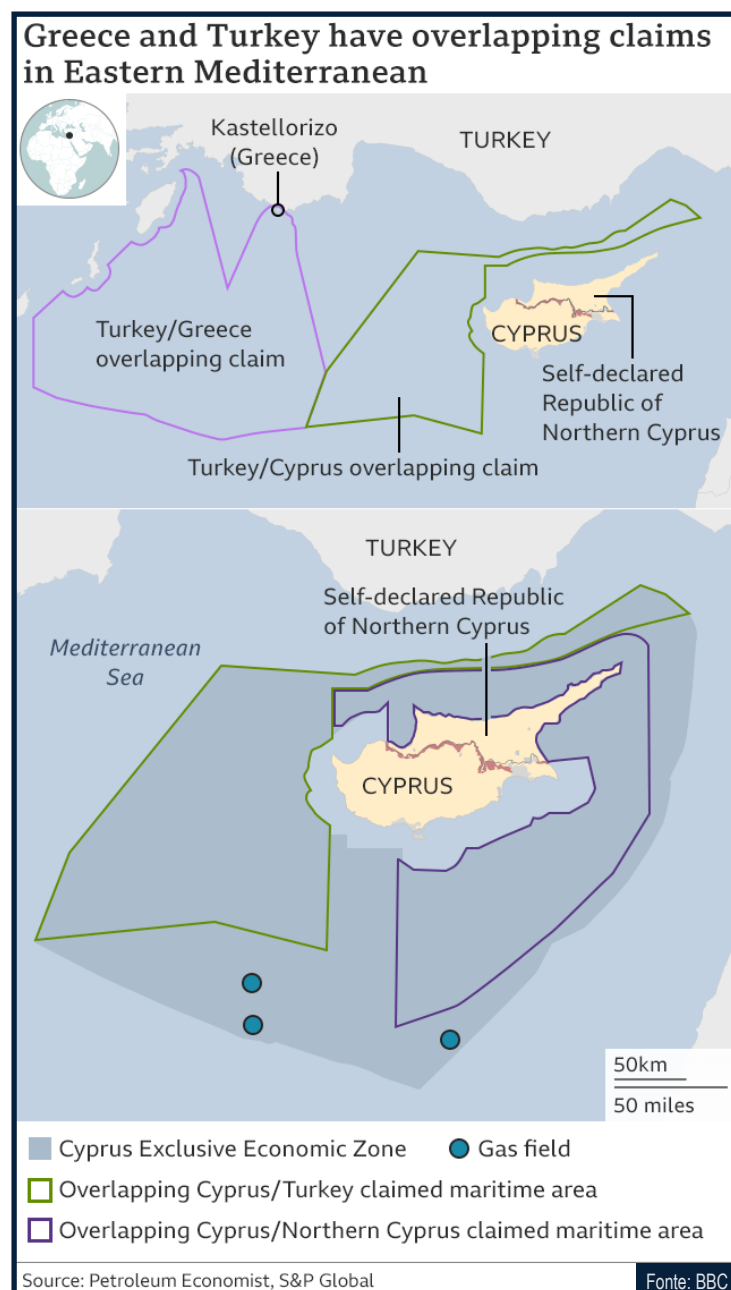
A imensa costa turca, que vai do Mar Negro, Mar Egeu até o Mediterrâneo Oriental, tem um grande problema estratégico: a Turquia é rodeada por ilhas gregas, sendo algumas, como a ilha de Kastellorizo, distantes apenas 2 km do litoral turco, o que tem levado a contestações sobre águas jurisdicionais e direitos de prospecção do gás na região. A definição destas ilhas como gregas vêm de acordos do fim da Primeira Guerra Mundial, pelos quais a Turquia, derrotada ainda como Império Otomano, perdeu território para os gregos por meio do Tratado de Lausanne.

A Grécia, signatária da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar de 1982, afirma que a área em questão faz parte da Plataforma Continental (PC) da ilha de Kastellorizo, enquanto a Turquia não reconhece a Convenção, ressaltando que estas ilhas, muito distantes da costa principal grega, não podem possuir uma PC.

A escalada das tensões entre a Turquia e seus vizinhos se acelerou no ano passado, quando a Turquia enviou navios de prospecção para a declarada ZEE da República do Chipre, ação condenada pela União Europeia (UE), ocasionando sanções econômicas ao país, que afirma que a área marítima contestada com o Chipre faz parte de sua PC.

Adicionalmente, em novembro de 2019, Ancara assinou um acordo marítimo com o governo oficial da Líbia que delimita as ZEEs contíguas de ambos os países. Esta é mais uma tentativa de Erdogan de questionar a situação marítima na região, que desfavorece a Turquia. A Grécia não reconhece este acordo, que não leva em consideração a ZEE da ilha grega de Creta. Embora esta

situação pareça estar evoluindo para possíveis conflitos, após alguns dias, a Turquia recuou temporariamente após pressões dos EUA e da UE. Contudo, o presidente turco não parece estar disposto a desistir de seus objetivos no Mediterrâneo.



A contínua remodelação das Forças Anfíbias britânicas

Matheus Mendes

Em 2021, os *Royal Marines* deverão ter dois novos Grupos de Resposta no Litoral: um para atuar a Leste de Suez junto à Marinha Real britânica, baseado no Bahrein; e, outro ao Norte da Europa, com o apoio das Forças anfíbias norueguesas. Tratam-se de Tropas de Comando (tropas de elite) da *Royal Navy* que podem ser aplicadas desde ações de propósito humanitário até o emprego em guerra convencional. São esperadas para atuar contra sistemas de defesa *Anti-Access/Area Denial* (A2/AD), bem como em guerras híbridas.

Esta atualização vai ao encontro das ações tomadas pelo Reino Unido, no que diz respeito à nova concepção de emprego de forças anfíbias no país. Desde o lançamento do Navio Aeródromo *Queen Elizabeth* ([Boletim 61](#)), passando pela transferência do *HMS Ocean* para a Marinha do Brasil ([Boletim 69](#)), tornando-se o nosso PHM Atlântico, percebe-se uma constante remodelação das Forças anfíbias britânicas, orientando uma tendência para a nova *Strategic Defence and Security Review*, ainda sem data para publicação, em função das urgências demandadas pela pandemia da COVID-19.

Vale destacar as localizações escolhidas para a

atuação das novas Forças Comando. Os enfoques são o Estreito de Bab-El Mandeb, por onde passam 6,2 milhões de barris de petróleo diariamente (EIA, 2018); e, as rotas marítimas ao norte da Europa, incluindo o Ártico. Estas posições estão alinhadas a interesses da OTAN de manter um olho na China e outro na Rússia.

O desafio continua sendo os constantes cortes na área de Defesa do Reino Unido. Um recente artigo do *Times* apontou um corte de quase 20.000 militares do Exército britânico, além de uma parte dos *Royal Marines*. A ideia é de que o Reino Unido mantenha os investimentos em Defesa acima da faixa dos 2% do PIB estipulado pela OTAN. No entanto, segundo a OCDE, a queda do PIB estimada para o país está entre 11,5% a 14%, números semelhantes de França e Itália.

Este é um ano bastante delicado para o Reino Unido. O país continua seu longo litígio de saída da União Europeia; tem o maior número de mortes por COVID-19 na Europa; uma das mais altas projeções de queda de PIB em 2020; e, um histórico não tão recente de cortes orçamentários em Defesa.

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

A Modernização das Forças Armadas egípcias

Isadora Novaes

No dia 05 de julho, o pesquisador egípcio especialista em assuntos militares, Mohamed Al-Kenany, declarou que o Egito vem demonstrando interesse em adquirir o sistema de defesa costeiro russo *Bastion*. Segundo o analista, a compra não é, entretanto, consequência direta dos conflitos na Líbia – com quem divide fronteira – visto que o armamento já era almejado desde 2015. No entanto, a escalada das tensões na região expressa urgência em adquirir o dispositivo. O *Bastion* é capaz de disparar mísseis antinavio *P-800 Oniks* a 300 km, "invisíveis" aos radares de navios. Sua orientação é autônoma, com alta tecnologia de inteligência artificial e resistente a possíveis ações de guerra eletrônica. A aquisição do sistema, um dos mais modernos do mundo em sua categoria, faz jus ao esforço egípcio em reaparelhar sua Defesa ([Boletins 109](#) e [117](#)).

No dia 11 de julho, foi divulgado por uma fonte anônima que o Egito realizaria 10 dias de manobras militares perto da fronteira com a Líbia, exercício não

informado oficialmente pelas forças egípcias, mas divulgado pela mídia. Já no último sábado, 25 de julho, foi oficialmente divulgado que fuzileiros egípcios realizaram treinamentos na região, dessa vez com a participação da França: os dois realizaram exercícios conjuntos a fim de impulsionar a cooperação em missões de combate no Mediterrâneo.

Essas operações coincidem com o anúncio turco de enviar 17 aviões militares e 8 navios, oficialmente, somente para exercícios no litoral da Líbia. A escalada turca em áreas petrolíferas à leste do Mediterrâneo e o avanço no território da Líbia preocupa cada vez mais o governo egípcio que, até o momento, adotara apenas demonstrações simbólicas de força. Agora, o Egito pode ser forçado a agir. Caso isso se concretize, o país deverá enfrentar desafios logísticos militares além do reaparelhamento de sua Marinha: para o êxito de eventuais ofensivas será necessário investir também em seu poder aéreo e terrestre.



Assim sendo, a postura turca na região explica o esforço egípcio em adquirir o sistema *Bastion* a fim de resguardar suas fronteiras frente a uma potência regional.

Ao dedicar-se em fechar o negócio, o Egito não busca um conflito direto, mas pretende estar preparado caso esse venha a se concretizar.



RÚSSIA & Ex-URSS

Cazaquistão e Ásia Central na rivalidade sino-russa

Pedro Martins

No dia 16 de julho, o ministro das Relações Exteriores do Cazaquistão, Mukhtar Tileuberdi, participou do primeiro encontro de alto nível China-Ásia Central. Junto com ele, participaram suas contrapartes nos Ministérios das Relações Exteriores da China, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Nessa ocasião, os envolvidos concordaram na promoção de cooperação mutuamente benéfica e a se encontrarem uma vez por ano, bem como discutiram os impactos da pandemia de COVID-19 e possíveis iniciativas de combate. No dia 24 de julho, o governo da Rússia assinou um projeto conjunto de desenvolvimento de fertilizantes minerais na província de Zhambyl, ao sul do Cazaquistão.

Esses dois eventos distintos são mais um episódio da delicada relação de Moscou e Pequim com os países da Ásia Central. Independentes desde o fim da União

Soviética, em 1991, os países da Ásia Central – ricos em recursos minerais como gás natural e petróleo – têm tentado se equilibrar no relacionamento com as duas potências. Por um lado, a Rússia tem importantes laços políticos, culturais e militares com todos os países da Ásia Central, que remontam ao século XIX, quando a região era província do Império Russo. Por outro lado, e mais recente, a China desponta como um importante parceiro econômico e investidor na região, sobretudo no setor petrolífero.

Essa dinâmica se transporta para os mecanismos regionais de cooperação. De um lado, China, Rússia, os países da Ásia Central, bem como Índia e Paquistão fazem parte da Organização de Cooperação de Xangai, fórum de cooperação entre os países supracitados. De outro lado, os países da Ásia Central – salvos Turcomenistão >>>

e Uzbequistão – são membros da União Econômica Eurasiática, bloco de integração comercial liderado pela Rússia. No campo militar, a Rússia também conta com a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO, na sigla em inglês), aliança militar considerada a “OTAN russa”.

Nesse sentido, os dois eventos mencionados no início deste artigo demonstram que a competição entre as potências por influência e projeção internacional

pode assumir formas não militares, ocorrendo em outras esferas. Apesar da recente aproximação e coordenação de posições entre Moscou e Pequim, não se deve esquecer que são duas potências nucleares, com assentos permanentes no Conselho de Segurança da ONU e orçamentos militares relevantes. Mais do que uma aproximação e eventual coordenação de posições, os dois países disputam influência e projeção na Ásia Central.

SUL DA ÁSIA

Múltiplos focos para a política externa indiana

Os meses de junho e julho foram conturbados para a Índia, principalmente no âmbito militar — desgaste de esforços contra seu grande rival na fronteira sino-indiana, mas também no âmbito econômico, uma vez que o Irã recentemente anunciou que começaria o projeto ferroviário atrelado ao porto de Chabahar sem a presença indiana. Este projeto foi acordado em 2016 por meio de um Memorando de Entendimento, em que a Índia forneceria o trabalho de superestrutura e financeira o projeto para a construção da linha férrea.

A ferrovia terá 628 km e ligará o porto à Zahedan — centro econômico e capital da província de Sistão-Baluchistão — depois fará conexão com Zaranj através da fronteira no Afeganistão. Esta já fazia parte do acordo trilateral ([Boletim 90](#)), porém, devido ao atraso do financiamento indiano, este fora cortado do projeto, que tem previsão de conclusão em março de 2022 e demandará cerca de US\$ 400 milhões do Fundo Nacional de Desenvolvimento Iraniano. Para além deste atraso no financiamento, analistas apontam as sanções estadunidenses como contribuinte para o afastamento indiano, mesmo que este país tenha isenção de sanção, encontrou obstáculos para obter fornecedores sem tais restrições.

Mesmo que autoridades iranianas tenham informado o possível e futuro retorno indiano, mais um empecilho foi gerado com a presença concomitante da China. Isso pois, para mais da adesão iraniana em 2019 ao projeto *One Belt One Road*, os países teriam assinado um acordo de 25 anos, em que a China investirá no Irã a quantia de US\$ 400 bilhões, abarcando sua presença a: bancos,

telecomunicações, infraestruturas, rotas comerciais, entre outros; sem mencionar o suprimento regular de petróleo iraniano a taxas baixas para os chineses.

O porto de Chabahar é um dos mais importantes do Irã devido sua localização e por ser o único de águas profundas, e representa um meio da Índia conter e contornar o Paquistão, e assim chegar ao Afeganistão e à Ásia Central (reduzindo os custos logísticos de transporte de contêineres em até 20%). A Índia, portanto, ao passo que deseja se desenvolver como potência precisa pensar sobre seus próprios interesses e sobre sua relação diplomática com os EUA, por mais que se faça importante no contexto do Afeganistão, amplifica a tensão com seus vizinhos regionais – Paquistão e China.

Marina Corrêa



Tensões no Indo-Pacífico: Austrália e os Jogos de Guerra

Thayná Fernandes

Entre os dias 19 e 23 de julho, a Austrália participou de um exercício naval conjunto com os Estados Unidos e Japão na região do Mar do Sul da China. Liderado pelo *HMAS Canberra*, navio de operações anfíbias, outras quatro embarcações do país se juntaram ao *USS Ronald Reagan Carrier Strike Group* e ao contratorpedeiro japonês *JS Teruzuki* numa passagem trilateral em deslocamento ao RIMPAC, jogo de guerra bianual multilateral com 25 nações, que ocorrerá no Havaí em agosto próximo.

Tal iniciativa coincide com as recentes declarações do secretário de Defesa norte-americano, Mark Esper, de que os Estados Unidos se posicionarão com firmeza diante das disputas territoriais no Mar do Sul da China. O secretário afirmou que outros países, além dos tradicionais Austrália e Japão, também estão cooperando nas questões de segurança marítima e militar na região; este é o caso de Brunei, Filipinas, Indonésia, Malásia e Vietnã que possuem contendas com Pequim neste território marítimo.

Conforme abordado em outras edições deste boletim, a Austrália tem enfrentado grandes desafios em suas relações com a China e, nos últimos meses, tais questões se tornaram ainda mais delicadas devido à pandemia da COVID-19 e às pressões australianas por investigações

acerca da postura chinesa no início da manifestação da doença. Assim, em uma disputa diplomática, porém intensa, Pequim tem cortado importações de produtos australianos demonstrando a grande dependência deste mercado do país asiático, ao passo que Canberra tem buscado melhorar suas relações com outras nações da região e também restringir a participação internacional em investimentos nos setores nacionais sensíveis.

Além do RIMPAC, a Austrália pleiteia desde 2015 participar do *Malabar Exercise*, treinamento anual entre as Marinhas indiana, norte-americana e japonesa; nos últimos anos, entretanto, Nova Délhi não havia realizado o convite, baseada na perspectiva de que poderia criar tensões com Pequim. Contudo, conforme abordado no [Boletim 119](#), as relações indo-australianas têm sido cada vez mais próximas, e a imprensa indiana tem dado sinais de que é cada vez mais provável que Canberra seja convidada para a próxima edição.

A presença australiana nos jogos de guerra indica que a administração do primeiro-ministro Morrison possui parcerias militares estratégicas cada vez mais fortalecidas e integradas, e que a contínua irredutibilidade chinesa pode deixar o país asiático distante de parcerias militarmente importantes.

Indonésia mantém sua posição no Mar do Sul da China

Iasmin Gabriele Nascimento

O Ministério de Relações Exteriores da Indonésia enviou, no dia 12 de junho de 2020, uma carta diplomática a António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, onde foi pontuado que não há motivos para renegociar a posição de Jacarta no Mar do Sul da China, uma vez que não há posições indonésias sobrepostas com as de outro país. A carta indonésia foi uma resposta aos chineses por conta de outro documento similar da China enviado a Guterres no início do mês de junho. No documento de Pequim há um convite para que Jacarta negocie reivindicações de direitos e interesses marítimos no Mar do Sul da China. Os indonésios haviam rejeitado a reivindicação chinesa de direitos históricos a praticamente todos os trechos estratégicos de vias navegáveis, quase 80% do mar em questão, tendo como base a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (UNCLOS, na sigla em inglês) de 1982.

O clima de tensão no Mar do Sul da China vem aumentando nas últimas semanas. Além da reivindicação chinesa acerca de 80 características geográficas no

território, incluindo rochas e pequenos recifes espalhados pela costa do Vietnã e ao redor das Ilhas Spratly e sua intensa campanha para ganhar espaço nesse território, a *China National Offshore Oil Corporation (CNOOC)* anunciou ter descoberto petróleo e gás natural na parte leste do Mar do Sul da China. Segundo a organização, seria possível produzir cerca de 2.000 barris de petróleo e 15 milhões de pés cúbicos de gás por dia, o que reduziria a dependência de importações chinesas desses produtos e aumentaria a animosidade na região.

Membros da ASEAN e China têm tentado conquistar seu espaço nas águas do MSC, e é extremamente importante que a Indonésia, maior economia do Sudeste da Ásia, defenda seus interesses frente às outras nações que buscam projetar sua soberania sobre o Mar do Sul da China, reafirmando-se como potência regional e mantendo seu objetivo de estabelecer-se globalmente como um dos polos de poder na Ásia, apesar das incessantes investidas chinesas no Mar do Sul da China.

A nova estratégia da USAF e da Força Espacial para o Ártico: defesa, vigilância e projeção de poder

Pedro Silva

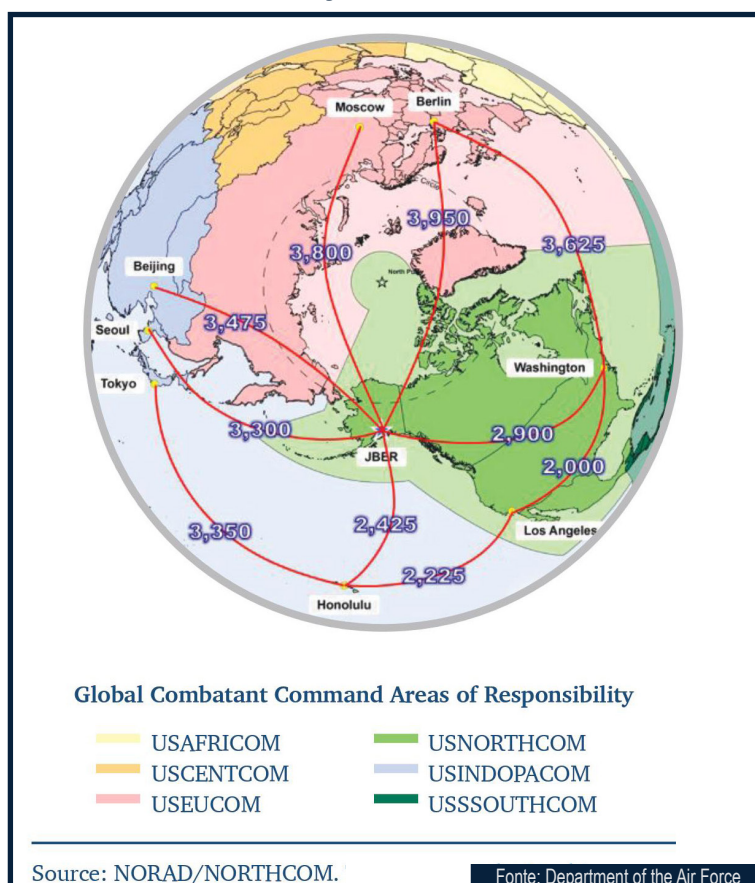
No dia 21 de julho, foi publicada a estratégia para o Ártico da Secretaria da Força Aérea dos EUA, que, desde dezembro de 2019, possui não apenas a Força Aérea (USAF, na sigla em inglês), mas também a Força Espacial. A USAF opera no Ártico há pelo menos 60 anos, contando com bases permanentes fora do território estadunidense, como a de Thule, na Groenlândia, e o sistema de defesa aérea NORAD – gerido em conjunto com o Canadá. A publicação do documento responde a mudanças no cenário que recolocaram o Ártico nos cálculos estratégicos de diversos atores, além de trazer a região para a alçada da recém-criada Força Espacial. A publicação de um documento desse tipo também é parte da tentativa dos EUA de fazer frente à ascensão de competidores estratégicos na região como Rússia e China.

O *White Paper* começa com um diagnóstico dos desafios representados pelas mudanças da geografia física que afetam o Ártico, bem como das consequências da maior acessibilidade e atividade humana na região. Após falar da dotação de recursos naturais, bem como das atividades de Rússia e China no Ártico, evidencia as pressões competitivas que os EUA enfrentam na região

e passa a delinear as atribuições da USAF e da Força Espacial na defesa do Ártico estadunidense e na projeção do poder global dos EUA, que tem entre seus objetivos a manutenção da liberdade de navegação e sobrevoo. Atividades de vigilância e preparação para operações ocupam a maior parte do documento, discutindo sobre a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos sistemas de defesa contra mísseis e de radares para monitoramento do espaço aéreo e do espaço sideral.

O destaque para atividades de vigilância e construção de capacidade de monitoramento e consciência situacional em todos os domínios mostra que, em termos de poder aéreo e espacial, a postura dos EUA tende a ser defensiva e aponta para uma leitura de que as maiores ameaças estão ligadas à projeção de poder pelo ar de nações rivais – seja com aeronaves, seja por meio de lançamentos de mísseis. Longe de apenas formalizar a atuação da Secretaria da Força Aérea, a estratégia publicada tem um caráter propositivo, trazendo também as demandas para que a USAF e a Força Espacial desempenhem o papel de vetores de projeção de poder dos EUA num espaço geopolítico de cada vez maior interesse mundial.

PROJEÇÃO DE PODER



- ▶ [China's Five-Finger Punch](#)
PROJECT SYNDICATE, Brahma Chellaney
- ▶ [The United States Needs A New Foreign Policy](#)
THE ATLANTIC, William J. Burns
- ▶ [The Tragedy Of Politics As Normal: The Meaning Of The Protests In Khabarovsk](#)
RIDDLE, Ivan Davydov
- ▶ [A Geopolitical Sea: The New Scramble For The Mediterranean](#)
ISPI, Giuseppe Dentice e Valeria Talbot
- ▶ [Somaliland's Ports: The Horn Of Africa's Most Valuable Real Estate](#)
MIDDLE EAST INSTITUTE, Guled Ahmed
- ▶ [The Queen Elizabeth And The Prince Of Wales](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [Biopolitics Of Border: Eu Security Challenges And The Future Of Schengen](#)
MODERN DIPLOMACY, Bhagya Raj Rathod
- ▶ [Ai Helped Uncover Chinese Boats Hiding In North Korean Waters](#)
WIRED, Yael Grauer

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

JULHO

30 Lançamento da Missão
Mars 2020 Rover da NASA

31 Fim das sanções econômicas
impostas pela União Europeia
sobre a Rússia

AGOSTO

02 Os astronautas Doug Hurley
e Bob Behnken retornam
à Terra, completando o
primeiro teste tripulado
da cápsula SpaceX Crew
Dragon para a ISS

09 Eleições presidenciais na
Bielorrússia

17 Lançamento do 2º VEGA

17-31 Exercício militar RIMPAC
2020

25-30 41ª Assembleia
Geral da Assembleia
Interparlamentar da ASEAN
(Ha Long, Vietnã)

REFERÊNCIAS

- **Novos riscos geopolíticos em função do recrudescimento da crise venezuelana**

GARCÍA-GUADILLA, María Pilar. [Venezuela 2020: autoritarismo político y pragmatismo económico](#). Nueva Sociedad, maio/jun. 2020. Acesso em: 20 jul. 2020.

VARGAS, Sofia. [Staying afloat. Shipping networks in the wake of U.S. sanctions on Venezuela](#). IBI Consultants, 13 jul. 2020. Acesso em: 23 jul. 2020.

- **Pampa Azul da Argentina**

REINO UNIDO. [HMS Forth flexes muscle in Falklands exercise](#). Marinha Real Britânica, 15 jul. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

ARGENTO, Analía. [Por unanimidad, el Senado le dio media sanción a la creación de un consejo que fije políticas de Estado con respecto a Malvinas](#). Infobae, 23 jul. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

- **O Corredor Interoceânico Mexicano**

RAMÍREZ, Roberto Candelas. [El proyecto del tren transistímico](#). Centro de Estudios Sociales y de Opinión Pública, jul. 2019. Acesso em: 22 jul. 2020.

WILSON, Eoin. [Murders, megaprojects and a 'new Panama Canal' in Mexico](#). Al Jazeera, 13 jul. 2020. Acesso em: 22 jul. 2020.

- **O gasoduto Trans-Saariano e o futuro energético do continente africano**

IDRIS, A. [Nigeria natural gas project: \\$3bn pipeline construction begins](#). Al Jazeera, 13 jul. 2020. Acesso em: 19 jul. 2020.

THURBER, M; MOSS, T. [12 reasons why gas should be part of Africa's clean energy future](#). World Economic Forum, 23 jul. 2020. Acesso em: 23 jul. 2020.

- **A crise no Mali e seu impacto no Golfo da Guiné**

THÉROUX-BÉNONI, Lori-Anne; MAIGA, Ibrahim et al. [Mali: la médiation de la dernière chance](#). ISS Africa, 23 jul. 2020. Acesso em: 23 jul. 2020.

POWELL, Nathaniel K. [The Flawed Logic Behind French Military Interventions in Africa](#). The Conversation, 12 maio 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.

- **A busca pelo protagonismo polonês**

BRUDZIŃSKA, Kinga; MUZERGUES, Alisa. [Poland at the Helm: The Visegrad Group on the Eve of its Thirtieth Anniversary](#). Visegrad Insight, 08 jul. 2020. Acesso em: 09 jul. 2020.

SCHULTZ, Teri. [What Poland wants when it comes to US troops](#). Atlantic Council, 02 jul. 2020. Acesso em: 09 jul. 2020.

- **Grécia em alerta máximo com ações turcas no Mediterrâneo**

NEDOS, Vassilis. [Stern warning issued to Turkish vessel](#). Kathimerini, 24 jul. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

[Europe warns Turkey against natural gas mission near Greece](#). Deutsche Welle, 24 jul. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

- **A contínua remodelação das Forças Anfíbias britânicas**

NICHOLLS, Dominic. [UK's Future Commando Force: a radical and 'lethal' new unit to fight threats across the globe](#). The Telegraph, 26 jun. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

SHIPMAN, Tim; RIPLEY, Tom. [Army 'to be cut by 20,000' if No 10 plan is approved](#). The Times, 05 jul. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

- **A Modernização das Forças Armadas egípcias**

[Egypt intends to challenge Turkey, Israel as strongest navy in Mediterranean with new missile system](#). Al Masdar News, 05 jul. 2020. Acesso em: 06 jul. 2020.

[Egypt manoeuvres near Libya: Beating drums of war or sending political messages?](#). Middle East Monitor, 11 jul. 2020. Acesso em: 11 jul. 2020.

- **Cazaquistão e Ásia Central na rivalidade sino-russa**

SATUBALDINA, Assel. [Kazakh Foreign Minister Speaks at Successful First High-Level Central Asia-China Talks](#). Astana Times, 17 jul. 2020. Acesso em: 17 jul. 2020.

LONG, Joey. [Kazakhstan and Russia Launch Joint Mineral Reserve Development Project in Zhambyl Region](#). Astana Times, 24 jul. 2020. Acesso em: 24 jul. 2020.

- **Múltiplos focos para a política externa indiana**

[Iran drops India from railway project as China's shadow looms in background](#). Radio Farda, 14 jul. 2020. Acesso em: 21 jul. 2020.

SAMANTA, Pranab Dhal. [Chahbahar-Zahedan rail link: Iran's insistence on roping in a specific entity put deal off track](#). Economic Times, 21 jul. 2020. Acesso em: 21 jul. 2020.

- **Tensões no Indo-Pacífico: Austrália e os Jogos de Guerra**

GREENE, Andrew. [Australia joins United States and Japan in naval exercise as concerns grow over China](#). ABC News, 22 jul. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

PANT, Harsh V.; SAHA, Premesha. [India's Pivot to Australia](#). Foreign Policy, 21 jul. 2020. Acesso em: 25 jul. 2020.

- **Indonésia mantém sua posição no Mar do Sul da China**

ASMARA, Tia. [Jakarta: 'No reason to negotiate' with Beijing on South China Sea](#). Bernar News, 18 jun. 2020. Acesso em: 01 jul. 2020.

PARASKOVA, Tsvetana. [Chinese Oil Major Strikes It Big In South China Sea](#). Oilprice.com, 29 jun. 2020. Acesso em: 22 jul. 2020.

- **A estratégia da USAF para o Ártico: defesa, vigilância e projeção de poder**

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Department of the Air Force introduces Arctic Strategy](#). Secretaria de Relações Públicas da Força Aérea, 21 jul. 2020. Acesso em: 21 jul. 2020.

[US Air Force plans to enhance missile defences to counter 'advancing' threats in the Arctic](#). Sputnik News, 21 jul. 2020. Acesso em: 22 jul. 2020.

CAPA:

[RONALD REAGAN CARRIER STRIKE GROUP E UNIDADES DA FORÇA DE DEFESA MARÍTIMA JAPONESA E DA FORÇA DE DEFESA AUSTRALIANA EM EXERCÍCIOS TRILATERAIS](#) POR: CODIE L. SOULE, U.S. NAVY

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 10 países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho e laranja de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados 10 principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

▶ ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Houthi rebels accuse UN envoy of prolonging Yemen war](#). Anadolu Agency, 18 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Israel secretly supports putschist Gen. Haftar in Libyan civil war](#). Daily Sabah, 28 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [Turkey-Greece tensions escalate over Turkish Med drilling plans](#). BBC News, 23 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [In Venezuela, US sanctions are only hurting](#). CNN Opinion, 22 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIÃO — Conflito armado na região de Nagorno-Karabakh: [Azerbaijão e Arménia acusam-se mutuamente de violações do cessar-fogo](#). Mundo ao Minuto, 28 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.

▶ MÉDIO RISCO:

- MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA & HONG KONG — Avanço chinês sobre as regiões: [Duterte says Beijing is 'in possession' of South China Sea](#). Nikkei Asian Review, 27 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Civilian killed in Syria's Idlib by regime forces](#). Anadolu Agency, 26 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Nigerian Pirates Release Kidnapped S. Korean Fishermen](#). The Maritime Executive, 27 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique needs an intervention – but SADC must not rush in blindly](#). Mail and Guardian, 26 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.
- MALI — Crise política: [Why Mali is in turmoil again](#). Reuters, 27 jul. 2020. Acesso em: 28 jul. 2020.